



POEMAS PARA ACORDAR

Meu colorido singular

Helena Frenzel - Volume I - 1ª. Edição

POEMAS PARA ACORDAR

Meu colorido singular

HELENA FRENZEL*

POEMAS PARA ACORDAR

Meu colorido singular

Volume I - 1a. Edição
2a. Revisão pós-publicação (12.03.2010)

Edição da Autora
Março de 2010

* Email: helenafrenzel@gmail.com

© 2009-2010 Helena Frenzel – Alguns direitos reservados.

Capa e Design: Helena Frenzel.

Com exceção da foto na página 16, usada com a devida permissão do autor, todos os textos e imagens aqui publicados são de minha autoria.

Para saber mais sobre meu trabalho visite:

<http://bluemaedel.blogspot.com>

<http://clubedalupa.blogspot.com> e

<http://recantodasletras.uol.com.br/autores/helenafrenzel>

Esta obra está licenciada sob uma Licença CREATIVE COMMONS(1). Você **está autorizado a** copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao respectivo autor original. Você **não está autorizado a** fazer uso comercial desta obra nem a criar obras derivadas.

A autora reserva-se o direito de atualizar constantemente o conteúdo deste livro e /ou de conteúdo relacionado disponibilizado via internet sem qualquer aviso prévio.

Para acesso a conteúdo sempre atual, é aconselhável usar links para as fontes originais ao invés de reproduzir o conteúdo, sempre que possível.

(1) <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

“E tudo nascerá mais belo
o verde faz do azul com o
amarelo o elo com todas
as cores pra enfeitar
amores gris”

Nem Um Dia, Djavan

Índice

INTRODUÇÃO

- 8 -

CORES ALHEIAS

- 9 -

A moça do olhar preocupado (10)

Ela, de novo (11)

A musa - sempre tão bela? (13)

A moça dos cachos (14)

Marie e o sol (15)

CORES DA DOR

- 16 -

A um pai ausente (17)

Estado de coma (20)

Poema para Didion (22)

CORES DA AMIZADE E DO AMOR

-24 -

Ajuda que vem do mar (25)

Capoeira, ideais e capitais (27)

Elogios vãos (29)

Revelações de tua sombra (31)

CORES NATURAIS

- 32 -

Dias cinza, dias azuis (33)
Meu campo com flores e nuvens... (34)
Margaridas no mar! (35)
Ápices (36)

CORES INTERIORES

- 39 -

Encontro com a poesia (40)
Minh'alma a pelejar (41)
Vidas (42)
Uma linguagem minha (44)
Fusão no azul (45)
Do que tenho medo (46)
Abandonei a inspiração (48)
Canto pra escrever (51)

CORES DE BRINCADEIRA

- 52 -

Bula pra escrever (53)
Viva a monotonia! (54)
Poema circular (55)
Labor c(i)entrífugo (56)

CORES MUSICAIS

-57 -

Um concerto (58)
Uma pedra para você (62)

Introdução

Cores para acordar, colorir o mundo. Neste volume reúno alguns poemas já publicados no meu espaço no Recanto das Letras. Agora você pode imprimir e levar para ler onde e quando quiser!

Como a edição me custou algum trabalho, e tendo você gostado do resultado, ficaria muito feliz se aceitasse tomar parte na minha campanha de incentivo à leitura: para cada cópia baixada, doe um exemplar de qualquer clássico da Literatura a alguém que goste de ler, porém não tenha condições de sempre comprar livros. Não importa o valor do livro doado, nem se é novo ou usado, o importante é fazê-lo circular, aumentando as chances de formar novos leitores.

Uma alternativa seria você doar um ou dois exemplares de qualquer boa obra para uma escola carente, a serem distribuídos entre os alunos, por exemplo, como prêmio de um concurso de poesias, contos, crônicas etc.

Sei que Andurinha só não faz Verão, mas se você participar, quem sabe, não?

Se gostou da idéia e aceitou participar, agradeceria muito se me deixasse saber.

Um abraço fraterno e boa leitura! :-)

Helena Frenzel

Cores alheias



A moça do olhar preocupado

A moça chegou bem há pouco,
Com seu olhar tão preocupado.
E por trilhas de azuladas veias
Seu rosto escondia um cansaço.

Seriam só rugas de expressão,
Medo, dúvida ou inquietação?
Oh, por que sempre tão tensa?
Olhar perdido que atormenta.

A moça chegou há pouco
Com seu olhar preocupado,
Mirando torto, de soslaio
Rosto estranho, inquisidor.

Oh moça dos olhos pesados
Relaxa a vista, fita ao lado!
O tempo que resta é pouco
E deve ser bem aproveitado.

Moça dos olhos estressados,
Tensos de um azul profundo,
Descansa teus olhos lindos,
Encara sem medo o mundo.

* * *

Onde houver poesia, vida também haverá.
Poesia é música forte, pode almas libertar,
Descansa corpo-mente, dá asas, faz criar.

Ela, de novo

E a moça do olhar antes tão enrugado
Pasme! - Hoje apareceu bem serena.
Seu par ímpar, safiras, lume do rosto,
Refletem quão claro a vida é poema.

Olhos azuis de mar paradisíaco, digo:
Boca bem feita, fina, rosea e pequena,
Mãos de veludo, dedos, claraluna tez,
Açucena! Amaryllis, sutil delicadeza.

Forma mignon, frágeis unhas, e terna,
Porcelana pura, boneca minha, musa e
Enigma: mas que estranha inspiração!

Oh moça bela, de olhar tão intrigante!
Inocente segues, expressão penetrante
E eu daqui, distante, observando-te cá.
Ignoraras vias e ruelas desse meu fitar.

Oh moça mística, se te soubesses bela, e
Com que olhos vejo o belo dessas tuas
Esferas, sorririas sempre, sempre mais,
Aplacarias inverno, chuvas, temporais.

Moça enigmática, se modificas o olhar
Mata-me a fantasia, impede-me o criar.
Assim bagunço o ritmo, atropelo rimas
Enforco formas e cega vêm-me tatear.

E por que antes, assim, tão preocupada?
Quiçá medo puro de ser desmascarada,
Fragilidade, inexperiência confirmar...?

Falar em público é ato por certo difícil.
Aí, nesse conflito, talvez eu tenha visto,
Razão de confusão na força deste olhar.

A musa - sempre tão bela?

A musa sempre tão bela! Pegada de poema trivial.
Frases frias que a feiúra real revelam, descrevem
Dura vida, fugindo do sonho, condenando o irreal.

Anita, Anita, vida sem sonho é tristonha vida real
Beleza é coisa que nos olhos de quem a vê habita
Imagem do observador pintada em espelho alheio
O Rio de Narciso, assim Wilde, claro, interpretou:

Desde que morrera Narciso, corria o Rio a chorar
Pois às suas belas margens não podia mais, o Rio
Sua maravilha, nos olhos de Narciso, contemplar.

Beleza, parando-se para observar, é sempre ideal
Pra uns poucos, tampouco, e outros tantos demais
Lipos, academias, corrida por ocas formas, irreais

Minha musa comum, alemã, fato, pouco bonita é!
Beleza comum trivial, encaixa num padrão normal
O que é feio, bonito? Alguém me pode responder?

Certos feios, na Alemanha, no Brasil estão bonitos
De seco, a realidade é coisa horrível! Lindo sonho
É olhar artístico, requisito do aprender saber viver

A moça dos cachos

A moça dos fartos cachos, discreta,
Acaba de chegar, e ao meu incógnito
Recorro, motivo, por longos cachos,
Olhares perdidos, idéias concatenar

Causam-me torpor cachos dourados
Olhares sombrios, frios, enigmáticos,
Mistérios, caminhos estendidos, por
Horas entre fios me vejo brincar e

Dias e dias, sob os cachos caindo
Olhares tímidos de feras dormindo,
Qualquer dia sei as verei despertar.

Por baixo de longos cachos, douradas
Mechas macias, seduzem-me cabelos,
Acho, perco-me em fios e devaneios...

Marie e o sol

Marie, Marie, mira através da janela, Marie
O sol adentra sorrateiro e quer aquecer
Teu singelo e grandioso pequeno ser.

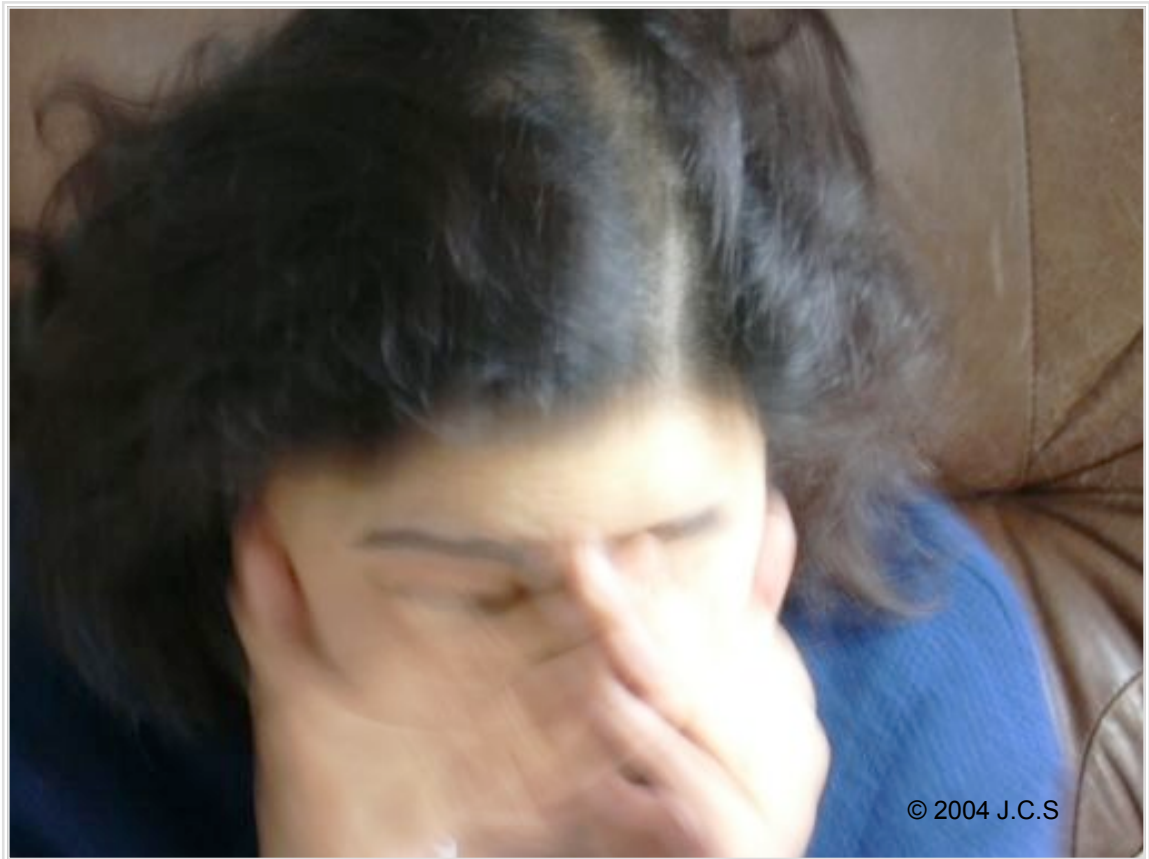
Marie, Marie, recebe os raios com as mãos.
Protege teu maior tesouro: coração de ouro,
Da seca desesperação, da desesperança,

Do fel da inveja, da decepção...

Amanhã, Marie, nada posso te garantir,
Apenas sinto: possivelmente volte o sol
Forte! Iluminando e aquecendo a ti,

Em especial a ti, Oh doce Marie...

Cores da dor



A um pai ausente

O que diria a um pai ausente,
Se um dia se fizesse
Inesperado presente?

Pai, por que me abandonaste?
Era eu “um nada” assim?
O que não tive,
O que não fiz
Para te seduzir?

Sabes que,
O deixar para trás,
Por querer,
Bem pior é do que
Morrer?

Pois soubesse eu
Que eras morto,
Não teria tido assim
Tanto desgosto...

Mas ao saber que escolheste,
Partiste,
E me deixaste,
Pois assim quiseste,
Causa-me esse sentimento inerte:

Não te amo,
Nem te odeio;
Nem sequer teu rosto,
Este, reconheço...

Teu semblante,
Tua altura,
Tuas mãos,
Tua voz;
Nada concreto
A ti me remete.

Ah!, exceto...
Um nome!
José... instável como a maré...
Carlos... forte como o descaso...
Feitosa ... de desgostosa, feito a mãe...

Únicas pistas que
De ti restaram:
Incompletas,
Como tudo mais.

Se teus rastros apagaste
Por certo não desejaste,
Qualquer dia,
Que te encontrasse.

Hoje, o mais certo a fazer seria
Deixar quieto o encoberto
Por certo!
Já que por toda a vida
Sem ti vivi
É certo!

Mas o fato é o fato
Que, de fato,
Sempre me faltará
Um pedaço.

Permanece uma sombra,
Uma pergunta,
Uma lacuna...
Uma parte de mim que
Não tem rosto,
Alento,
Nem vida;
Não odeia, nem ama;
Não aceita, nem critica;
Não nega, tampouco afirma.

E nessa parte, inda que
Para sempre
Esse “não saber”
Atormente,
Pior é saber que algum dia
Possa passá-la em frente.

Melhor seria,
Como a de Brás Cubas, a idéia:
“Não tive filhos,
Não transmiti a nenhuma criatura
O legado da nossa miséria”(1)

(1) - Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas

Também publicado no Recanto das Letras em 13/05/2009 (Código: T1591119)

Estado de coma

Fui ferida de morte !
E a morte sangra sumo
Gelado, por entre poros
Coados, grande desilusão.

A morte sangra e agoniza -
Eu não, que estou forte
E viva! -
Ou já morta então ?
“Morto não sente dor”
Pensamento ...
Enganador ?

Desconfiança essa
Me embriaga,
Sufoca e impede
Crer que ...

Fui ferida de morte !
Na alma,
No sentir ...
Tudo por amar.

E no fim, só peço assim:
“Ó Deus, apieda-te
De mim ...”

Estou ferida de morte.
Debilitada e fraca ...
Fui trazida, pura e crua,

Ao real:

Vale o homem

O quanto pesa ?

Sim ?

Pouco vale muito

O ideal ?

E o aparelho pulsa

E pulsa,

Ah, pulsa !

Ainda

Pulsa ...

E eu gemo ...

E permaneço.

Poema para Didion

Neste ano, em que tua alma de luto
Ao mundo abriste
Ao que muitos de coragem chamam,
Digo louvável, sincero e humano ato.

Como tu mesma disseste:
A pessoa senta-se à mesa para jantar,
E a vida de outrora, como pó, evapora,
Se esvai, some, desaparece...

De repente não está mais lá.
Quem sente dor vergonha não deve ter
Momentos de pena de si mesmo, loucura, viver.

Não temas; estás em segurança; estou cá.
Ou ainda, das auto-recriminações, te aliviar:
Por que tens sempre que ter razão?
Não podes, simplesmente, deixar a vida te levar?

Que lógica há por trás da dor, do luto, da perda?
O que se esconde por trás do ato de quase tudo doar
Porém alguns sapatos, no armário, deixar?
É que de certo, quem partiu, deles precisará,
Ao que tudo indica, quando voltar.

Joan, John, Quintana...
Não como o nosso Mário, poeta
Porém também sensível, frágil, humana
E ao mesmo tempo forte,
Lutando bravamente contra os braços da morte.

Dor é universal.
Desconhece culturas, fronteiras, línguas.
Espelha lágrimas, fenômeno natural de um coração
Que para entender o luto, a morte, luta.

A vida segue em frente.
Parece ser essa uma lei natural.
E ao final, restam apenas lembranças.
E muitas, muitas perguntas...

Quarenta anos ao lado de alguém...
Todos os dias tudo, juntos, fazer.
Sem ele ao teu lado agora constatas, Joan:
Consegues nem ao menos escrever.

Pois de todos teus leitores, ele, o mais importante,
Daquele dezembro em diante sempre faltará
Para o que escreves ler, revisar, criticar.

Dois escritores: tudo juntos.
Dois amigos: sempre juntos.
Dois namorados: eternamente.
Uma família unida e feliz.

Dois que de tão misturados, ninguém saberia
Quem dos dois, pelos dois, o ar sorvia.
Quando um que é parte do outro se vai
Para a parte que fica resta dor, pouca paz.

A dura experiência de sem o outro,
O que se foi, sobreviver
Demora, dói...
Mas até isso, sim, se pode aprender.

Teu livro, Didion, é uma lição de vida para mim.
Não temas; estás em segurança; estou cá.
Escrever pode salvar.

Poema inspirado na leitura do livro *The Year of Magical Thinking*, de Joan Didion (2005),
Publicado por Alfred A. Knopf, New York.

Cores da amizade e do amor



Ajuda que vem do mar

Eu bem queria te pôr no colo
Ouvir, acalantar, consolar
Dizer-te: “Não temas, vai passar... estou aqui!”
A verdade é que eu não sei se tudo isso é mesmo assim

Que pudesse eu deixar teu fardo mais leve
Nisso pode um equívoco se esconder
Proteção em nada poderia ajudar-te
Esse medo reconhecer
E a dominá-lo aprender

Temor é natural,
Se for isto o que te aflige.
Medo faz parte da vida:
Isso bem me digo no espelho,
Todos os dias!
Difícil é compreender e
Doloroso praticar.

Só, sozinho, não estás!
Isso, amigo, 100% posso afirmar!

O universo conspira além
A favor dos que buscam o Bem
Medo, insegurança, problemas
Quem não os terá?
Coragem pra os enfrentar,
Isso, amigo, não se encontrando,
É preciso achar.
E para achares a tua
Calma é tudo...

Se tens um mar por perto
Deixa as ondas dissiparem
As dúvidas que te dilaceram.

A principio, a água do mar bem poderá fazer
Tuas feridas abertas começarem a doer
Porém não te assustes:
Antes, deixa a dor te curar.

Até mesmo as lágrimas,
Em meio às águas,
Estas podes disfarçar.
E quando a maré secar
O mais importante ficará:

A grande descoberta!
A força que procuras, a fé, a coragem
Na verdade, todas em ti habitam
Basta nelas crer e querê-las usar

Não sei o que planejas.
Só Deus, que tudo sabe
E sonda nossos corações.
Busca o Bem e a Luz
E o som inspirador das ondas do mar.
Escuta o que elas te dizem
E tudo muito mais claro ficará.

Capoeira, ideais e capitais

Um dia tive um amigo idealista.
Morreu o ideal, ficou o capital.
Não se deve fazer julgamentos
Pois neste mundo, todos sabem:
A muitos, escraviza o vil metal.

Já eu, no meu caso,
Sei que morro pobre, mas feliz
Seguindo um ideal
E o meu nariz.
Não me queixo,
É escolha minha.

Quem nasceu mesmo pra idealista
Nunca chega a capitalista -- graças a Deus!

Não que não tenha dinheiro,
Mas que não queira só acumular.
Dinheiro e Amor,
Nesse ponto, são iguais:
Quanto mais se doa,
Mais se vê multiplicar.

Amor,
Quanto mais se dá,
Muito mais brota.
E coisas boas faz crescer.
Já dinheiro,
Melhor é gastar.
Quanto mais se acumula,
Mais rápido pode desaparecer.
Taí a crise que não me deixa mentir:
Os milhões da rainha,
Em que buraco negro foram cair?

E o pensar que ganhou, o lucro
É pura ilusão.
Não faço alusão ao voto de pobreza
Mas à necessidade de dó-e-ação.
Vire para o lado e veja:
Na maior parte do mundo
Há gente que ainda definha
Por pura falta de pão.
E com tanta tecnologia, por quê?

Quem por acaso agora balança,
Ao som da capoeira
Entre o idealismo e o capital,
Ouça o bom conselho do Baden,
O Powell, o poder do Berimbau:

“Quem de dentro de si não sai
Vai morrer sem amar ninguém
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem
Capoeira que é bom não cai
Mas se um dia ele cai, cai bem”(1)

(1) Trecho da canção Berimbau, de Baden Powell,
inesquecivelmente interpretada por Nara Leão.

Elogios vãos

Não, não me elogies
Nem tentes me enganar,
Por favor, não...
Teus elogios, entendo,
Tentam manter longe e
A salvo, arredio coração.

E não é por não me amar, sei,
É por querer-te preservar.
Sei que pra ti é difícil
Sobre coisas da alma falar.

Quando pergunto:
“Como vai você?”
Para mim é claro:
Se pergunto, é fato,
Quero bem sabê-lo.

Pra desviar de ti a atenção
Me vens com tantos elogios,
Gentis e puros, porém vãos.
E em ti só me fazem pensar
Com maior cuidado, amor,
Preocupação.

Queres esconder-te de mim
E em nome de nossa amizade
Só me resta dizer “Sim!”
Respeito tua vontade...

Estarei sempre aqui
Para ouvir-te com prazer
Sempre que quiseres comigo ter.
A mim importa sim,
E muito, tua felicidade
E bem-viver.

Peço a ti, no entanto:
“Não me elogies mais...”
Isso não me faz melhor sentir,
Mostra somente claro:
Ajudar a ti, no fundo,
Isso inda não consegui.

Na escola da vida não há mestres,
Somos todos aprendizes
E colaboradores
Quem mestre se diz, denota:
Bem pouco aprendeu até aqui.

Revelações de tua sombra

A sombra de teu corpo revelou:
O contorno de teus poucos adornos
E a pequenez de tuas delicadas mãos.

A sombra de teu corpo confirmou:
A pequenez de tua miúda figura
E a grandeza de aura que emana de ti.

Tua sombra não mostrou, mas estava lá:
Perfume natural, de pinho, cheiro singular
- Marcador dos caminhos por onde andaste;
Cheiros da mata, que tua essência revelam.

Essência que exala tua busca ao simples e natural,
Desprezando o que é de plástico, artificial.
Um desejo, porém, tua sombra em mim despertou:
Sentir na pele os dedos e a maciez de teu amor.

Cores naturais



Dias cinza, dias azuis

Em dias de céu azul
Guardo muitas alegrias,
Notas de belas melodias,
Lenha boa, lareira limpa.

Em dias cinza-tristes,
Busco neles meu conforto,
Queimo lenha, atijo fogo,
Sobram-me cinzas e restos de carvão.

Já em dias cinza-azulados,
Refresco e recordo o acordado:
“Na dor, virei salvar-te! Podes confiar.”

Tomo então meus blocos e braços
E por entre dedos trôpegos, enrugados,
Caneta começa a girar, bailar, dançar.

E no verso estribilha consolação:
“Enquanto houver Poesia,
Haverá pra ti também redenção.”

No more trains...
No more...
Only trains of thoughts...
Please, please.

Meu campo com flores e nuvens...

Meu campo com flores e nuvens

E sonhos

E Sol

E vida

E poesia

Meu campo com verde

E força

E brilho

E luz

Meu campo com flores

E beleza

E pureza

E amor

Meu campo com nuvens

É azul

E branco

Multicolor!

Margaridas no mar!

Mar de Margaridas...

Margaridas ao mar!

Céu azul...

"Vento Norte, protetor!"

Uma casa

Como barquinho

A deslizar

Num Mar

De Margaridas,

"As mais garidas"!

Ápices

No cume dos Alpes, seus ápices,
Lá no alto, mora a liberdade
Dos pássaros a voar, pra bem longe,
Lá e cá;
Do vento que da vida ritmo dita;
E do tempo eremita,
Que só, lá no auge, habita.
Liberdade rola forte e bela,
Montanha abaixo desembesta
Na espuma das águas
Azuis, branco e cinza.

Nos picos ápices
Esconde-se o segredo da vida,
Uma sabedoria milenar:
Não há quem a possa ignorar!
De povos vencendo as montanhas,
Os que insistem em viver por lá.

A vida nos ápices
Pouca suavidade e fartura vez.
Ao contrario: muito trabalho!
Peixes, homens,
Animais e pássaros, todos
Lutam para vencer a escassez.

Nos ápices auges apogeus
Muita beleza há.
O céu azul pincelado
De nuvens brancas no ar.
Sim, no meio dos Alpes,
No Alto Adige,
Pequeno paraíso,
Oásis de tranqüilidade e paz.

Quem ali vai descansar
Pode corpo e mente renovar
Ou se perder nas trilhas altas
Dos passes de lá.
O vento fresco, alísio?
Seria errado assim dizer?

No compasso das águas
Refresca os viajantes,
Muitos por ali passantes.
Terra de caminhantes:
Muitos passam, poucos ficam...
Ficam e são felizes, penso eu.

Ali, no meio dos Alpes
No Norte e Sul, no Alto Adige
A vida segue um outro ritmo:
Do 'Buon Giorno!' ao 'Gruß Gott!';
Do 'Guten Tag!' ao 'Benvenuto!'
A vida ali toca singular canção:
Andante com a natureza,
Allegro com o coração.

No meio dos Alpes,
Nos ápices Adige
Olhei para cima e vi:
Os picos, seios e vales da Terra,
Calcinhas brancas nuvens
Lábios, montes, limiar
Da Vênus a beijar.

A seda azul do céu
E a 'ewig'* neve branca,
Rastros, adorno de ápices e vales
Da História, da Terra
Antes da Era do Gelo
Hasta cá
Bem lá nos auges...
Dos Alpes,
No Alto Adige.

* ewig – eterno (em Alemão)

* * *

No meio do caminho havia um banco. Nele sentei e o horizonte contemplei.
Agucei meus ouvidos e conversei com a natureza. O resultado?
Esse exercício poético, tentativa de seduzir palavras
- Ah! essas Salomé... - que aqui compartilho sem maiores pretensões.

Cores interiores



Encontro com a poesia

Queridos amigos do Recanto,
Poetas e Poetisas,
Todos aqueles em que no peito a alma grita!

Hoje amanheci com um "formigar",
Não é doença,
Luxúria, fogo,
Dor ou preocupação.
Trata-se de uma vontade
ENORME

Que só em versos consigo explicar
De receber alegremente a todos
Neste meu canto, para um café
Ou um chá...

Sim, estamos quiçá muito longe
Mas essa rede que nos uniu
É também meio e entrada
Para este sarau tão sutil

Sejam todos MUITO bem-vindos!
Contribuam como bem lhes parecer
Não há regras a seguir,
Só sentimentos a viver.
Sintam-se à vontade, compartilhem
Pois fazer versos só faz bem!

Meu coração hoje transbordou de poesia
E as palavras me encharcaram o chão
As gotas "fujonas" que salvei
Dou-lhes de presente
Como um beijo terno em cada coração...

Isto não é fascinante?

Também publicado no Recanto das Letras em 18/07/2009 (Código: T1705790)

Minh'alma a pelejar

“Estás cansada?”

Estou sim!

“O que esperas,
Nada?”

Não sei bem o quê,
Espero sim.

“O dia lá fora convida

A sair, brincar

A tristeza cá dentro

Quer fazer-te chorar.

És mais forte, resiste!”

E o que tanto sabes tu sobre mim?

- Grito eu do fundo do escuro,

De um lugar onde não pode

Ninguém me ouvir.

Vejo o azul do céu estilhaçando a janela

Pintando a ti, minh'alma blue.

“Sim!

E blue é meu traje,

Também meu estímulo...”

Até quando isso?

“Lutar...”

Contra mim?

“E me ganhar?”

Ou te perder?

“Talvez empatar...”

Dois a zero pra ti, minh'alma,

Tua sina é sempre vencer!

Pois quero calar-me e não achas

Palavras para m'emudecer.

Vidas

Dizem que gatos têm sete vidas.
Quantas vidas será que inda tenho?

Uma delas gastei bem pequena,
Em fração de segundo
Ao escapar fedendo,
A fumaça e óleo diesel,
De ser tragada
Por um ônibus lotado,
Furibundo.

Outra que, por inexperiência,
Ou por pura ingenuidade,
Abri mão de bom grado.
Foi quando então a Vida me deu
A *crisis* de recomeçar,
Bem do comecinho,
Tudo cheirando a novo,
Renovado.

E a terceira quando não esperava.
Por certo, não é assim que vêm os ladrões,
Quando não contamos?
Aliás, EU esperava.
O que não esperava era perder
O que esperava como perdi,
E ao mesmo tempo ganhar
O que ganhei,
Recebendo o que recebi.
E com toda aquela dor.

Doeu, doeu muito.
E quem disse que nascer não dói?
Vai ver que é por isso mesmo
Que todo recém-nascido chora.
E se não chora, apanha pra chorar.
Sair da casca fortalece e deixa marcas.
Marcas essas que carregamos
Para o resto das vidas.

E quantas vidas, meu Deus?
Quantas delas será que inda me restam?

Se sou leoa, tipo felino,
Possível é que me sobrem inda quatro
Das que me foram agraciadas.
A passagem do tempo me fez fraca,
Medrosa, de tudo à mercê.
E por isso agora não quero mais
Pagar pra ver.
Só quero
Viver, viver, viver, viver.

Para Micky.

Uma linguagem minha

Esta minha linguagem escorre da Língua,
Do falo e chicote de uns lábios cerrados;
Toques ardentes da carne entre dentes,
Suspiros eloqüentes, sentidos castrados.

Esta minha linguagem chula me expurga
Da moral dita humana, pudica e senil.
Transgressora, erudita, retórica pura,
Me escapa das cordas em vozes febris.

Safada linguagem baixa e sarcástica,
Falsa purista que com signo aguçado
Esfolia e desvirgina aurículas pueris.

Linguagem solta em ávidos sussurros,
Espreme prazer puro da boca e dá vida
A livres palavras, fonéticos murmúrios.

Fusão no azul

Fundida num azul de fundo ou plano
Parede, cortina ou de um céu tamanho
Por ruas e dias quase invisível sigo
Cruzando cidades de tons sombrios

Acessórios, cargas, roupas me impedem
Transparência efetiva ou não vista ser
De seguir anônima e ativa buscando
Deste mundo à revelia uma parte ser

A este circo se me integro desapareço
Sofro por certo total dissolução
De idéias, sonhos, cultura, apreços
Pigmentos, texturas, ideais e visões

Assim sendo ao fundo azul me fundo
Discreta caminho e sonho conseguir
Invisível passar por olhares perdidos
Vampiros por sangue, por vida febris.

Do que tenho medo

Não só de um súbito raio,
Da zoadá e seu clarão,
Também das pedrinhas de gelo
Furiosamente lançadas, tenaz
E certeiras, contra o chão.

Também contra os vidros das janelas,
Telhados e destelhados “carrões”.
Não só da força fina de
Grossas gotas d’água
Perfurando o árido chão,
Percorrendo veias, ruelas
Que como sangue
Borbulham e fazem pulsar,
Bater mais rápido o coração.

Não só de catástrofes anunciadas
Profecias, tempestades, inundações...
Previsões de um futuro escuro,
Sem sombra de segurança
E fartura de pão.

Mais do que tudo isso,
Temo a ignorância humana.
A extrema arrogância,
A incapacidade de dar e pedir perdão.
Falta de empatia pela dor do outro,
Egoísmo afogando o que resta de razão.

Temo a falta de esperança
O pessimismo, a falta de fé.
Que muito mais do que a peste
Contamina, se alastra e destrói.

E no meio de tanta dúvida
Uma só certeza nasce:
-- De onde?
Isso não lhe posso responder --
De que a vida novo caminho SEMPRE encontra
Uma nova forma de seguir, renascer.

Por isso mesmo, ao invés de
Ao pessimismo me entregar,
Mais prudente me parece,
Nessa estranha dinâmica, na
Continuidade da vida crer
E divulgar.

“Aguarde e confie” – sussurra o universo.
“As tempestades passam, fica a bonança”
Para quem nada mais – parece -- a perder tem,
De nada custa manter a esperança.

Que temes então, Oh deprimido coração?
'Temo mais do que tudo
Deixar-me contaminar
Pelos sentimentos daqueles
Que para dar nada têm,
Nem nada querem mudar.'

“O meu erro foi crer
Que estar ao seu lado
Bastaria
Ai meu Deus era tudo o que queria!
Eu dizia o seu nome...
Não me abandone...
Jamais” (1)

(1) – Trecho da canção Meu Erro, Herbert Viana.

Abandonei a inspiração

Sim, cometi esse ato terrível!
Pois no meio do caminho ela me assaltou.
Assaltou-me no caminho, a Inspiração.
Quis capturá-la e a golpeei, para guardar.
Inconsciente quedou, joguei-a às costas
Deixou-me de acudir no ato:
- Mas como estava pesada!
Carreguei-a por quase todo o caminho.
Num momento derradeiro, alto,
Seu peso impediu-me respirar
Aliviei as costas, desfiz-me dela,
Me pus a andar.
Juro, não me arrependi.
Ouvi-a ainda suplicando, triste:
- Oh por favor, leva-me contigo.
Se fico aqui, congelo.
Cruel que fui, tapei ouvidos
E meu caminho sem rés segui.
Agora penso nela,
Em seu choro dolorido,
Nas cores nubladas do caminho
Onde a deixei largada só,
Se dissipando.
Agora penso em mundos irreais,
Pintados por tons sempre iguais,
Cores opacas de um realismo ideal.
O real, mesmo, poucos querem ver.
Eu também não o quero pintar - É feio.
Te conformas com as cores impostas?
Eu não!

Minha paleta carrego comigo.
Meu realismo? Eu mesma pinto
E não admito maiores questões.
Se para ti a vida é multi-incolor,
Tudo bem, respeito!
Se bem queres, vive assim tua dor.
No entanto não venhas me questionar por
Tons azul-cinza que escolhi para pintar.
Eu bem poderia misturar todas as cores e tons,
E aí seria branco, ninguém as enxergaria.
Também poderia cor alguma escolher
E aí seria o que muitos chamam negro
E eu prefiro simplesmente dizer:
Sem-cor.
Caí em mim e corri de volta
Ao lugar cruel do abandono.
Seu cadáver, visível, não estava lá!
Busquei sob o gelo, nada encontrei.
- Um outro bom samaritano, quem sabe...
Cogitei.
Masoquista, agarra-se a quem a ignora.
Caprichosa, foge de quem a persegue.
- E por isso te abandonei, Bandida!
Por esse embate, confesso,
Paradoxalmente pari a dor
Da Arte – destarte:

Não foi parto natural, foi arrancado.
Homem, pra que entendas este rasgo,
Imagina-te, vivo, tendo partes decepadas
Depois vê-las atiradas, aos urubus,
Ávidos que estão pra as comer.
Se mesmo assim, Homem, inda não imaginas
Dor essa que me corrói, destroça e alucina
Toma uma aspirina!
Tua falta de empatia assim passe, talvez...
Aliás, com aspirinas sempre curas tuas dores.
Eu não!

Eu sinto essa dor rasgada, no núcleo
Do umbigo encravada e o fantasma
Da inspiração, com mão de ferro,
A tenta expurgar, porém sem solução.
Essa dor, a contragosto, me faz poeta,
Ver o mundo feio através de vidros
Dos outros, janelas e...
Admirando dores alheias descobri antídoto
Pro veneno da minha melancolia.
Efeito colateral da dor? Esperança!
Esperança de neste inverno, mais uma vez,
Essa tão minha, minha dor, poder vê-la eu
Diluída, na fugacidade da neve fundida, ou
Enforcada nas raízes da minha frágil sensatez.

Canto pra escrever

Meu escritor necessita um canto
Obscuro-claro, isolado e nu ateliê
Onde importa abunde só o encanto
Desintoxicalmante de escrever

Meu escritor necessita de um canto
Pra polir palavras, diamantes cortar
Desfazer vendas vagas, apertar nós,
Frase oprimida e sarcástica desatar

Meu escritor necessita encanto:
Fugir do óbvio, estender mantos,
Abrir cortinas, picadeiros ornar.

Céu da boca canta palavras efervescentes
Ardem de vontade, queimam por delinqüentes
Ações - de sujeitos ocultos, dúbias colocações.

Cores de brincadeira



Bula pra escrever

Quis conhecer as regras,
Palavras se calaram
Quis aplicar as regras,
Estruturas se rebelaram
Quis burlar as regras,
Puristas me criticaram:
“Regras: só quem conhece
Pode ignorar!”
E nesta regra, sentido há?
O que pensa você:
Seguir ou não bulas
Pra escrever?
Abolir regras e bulas?
Não é bem esta a questão...
Considerá-las, sim...
Tolher-se por elas, não.
Fica de um poeta,
A seta da meta:
“Viver não é preciso!”
Criar, também não!

Viva a monotonia!

Poesia vem quando quer,
É atrevida essa mulher !
Homem, e por que não?!
De absurdos brota poesia;
De monotonia, inspiração.

Poema circular

Soberano.
No horizonte,
Amarelo,
Acima das nuvens,
Alegre,
O S O L
B R I L H A !
Da Terra distante,
Illuminando o dia,
Fazendo feliz e
Dando vida,
Aquecendo,

Siga as palavras (e a pontuação) que o sentido vem!

Também publicado no Recanto das Letras em 21/08/2009 (Código: T1765960)

Labor c(i)entrífugo

Casualidades!
Causas e modos,
Casos se dão conhecer.
Mexer, revirar,
Fechar e abrir...
Enfim, reconhecer.

Circundar, apreender
Cerpear, descobrir, refazer
Ousar perguntar, brincar,
Efeitos compreender...

É torto o meio? Parta assim...
Por que não começar pelo fim?
Endireita, reajusta, aplica,
Lapida, re-estrutura, testa?
Lógico que sim!

“rerum cognoscere causas”:
Coisa tão simples assim...
Monta e remonta: Eureka!
Define, conserta falhas,
Um re-define sem fim!
Pra resumir? Não só talento.
Um recomeço sem fim:
E contar também com...

Cores musicais



Um concerto

Acabo de vir de um concerto
De piano.
Ainda me encontro sob o efeito
Da magia da música de Beethoven
E Chopin.
Ah, a música...
Solo...
E as mãos!
As mãos do pianista...
Seus dedos...
Viajando pelo teclado.

Piano
Tocar piano é uma das coisas mais lindas
Na face da Terra!

Viajei na música,
Na interpretação,
Nas palavras...
Palavras silenciosas
Que foram brotando
Em minha mente,
Inspiradas nas notas,
Nos tons,
Na execução.

Qual um jogo de preliminares
A um sexo gostoso,
Cálido...
Angelical.
Sexo com notas,
Com palavras,
Com as pontas dos dedos
Do pianista...
Sexo com a música,
Com a força,
A precisão
E a suavidade
Dos Tons...

Porque os dedos
Têm vida própria -
Não precisam de notas para ler! -
As notas estão gravadas
Nas pontas
E na largura
De suas mãos,
Na firmeza...
Das extremidades
E na suavidade...
Dos movimentos
Num leve...
Vai-e-vem.

Ora forte!
Ora piano...
Ora meso.
Ora suave...
Ora FORTÍSSIMO!
E de novo
Suave...
E forte!

"Eu vou partir!
Eu vou...
Partir!
Eu vou...
Par...
Tir..."

Sim, assim é a harmonia
Das palavras.
Aquele que brota
Das profundezas
E se entrelaça
Às notas,
Às mãos
E aos dedos,
Aos dedos do pianista.

É um sonho.
Música, Arte, Literatura
Tudo se entrelaça.
E tudo é Matemática
Tudo!
Tudo se completa.
E faz uma diferença enorme
Bem no meio da indiferença.

Hoje fui a um concerto de piano.
O salão não estava lotado.
O concerto era de graça.

Por que música clássica não atrai
Mais pessoas, como antigamente?

Uma pedra para você

Essa pedra graciosa
Que aqui estou a jogar
Não é safira, rubi, esmeralda
Ametista, nem outro mineral
Não é rocha, nem areia
Porém leve e banhada
De muito Sol e Sal.

Sem valor esta pedra não é não
Hoje é até coisa muito fina...
Fina flor do 'Brasilzão!':
A Ilha Magnética,
Olhos do Maranhão...

Olhos rebeldes, resistentes,
Voz solitária a gritar no curral:
Abaixo os coronéis!
Além de maranhão, cego, mudo e pobre?
Que falta de graça!
Que nada, tem gente que vela...
Essa falta de luz um dia cessa.

Ilha do Amor, Ilha Flor
Como Venturini bem cantou:
"Do lado de lá fica o Maranhão
Com seu regador
Diga lá quem chamou
Vai regar minha flor?"(1)

Essa pedra-pome da qual estou a falar
É uma que muito se pode dançar
Também nos salões apinhados,
Ao som marcado do baixo,
À cola dos corpos ao ritmo do mar.

E para quem gosta de ‘quebradas’
E ver as pedras rolar
Se mulher você é,
E desacompanhada está,
Muita calma nessa hora:
Se um ‘caboco’ lhe tirar pra dançar.

Cuide com a resposta a dar!
Não diga “NÃO!” e vá embora,
Que aí ele pode se zangar.
Capaz até de voar
Garrafa, mesa, cadeira
Pedra e ‘peixeira’ no ar.

Mas se lhe disser “Não” com gentileza
E “Obrigado” com educação,
‘Caboco’ entende e lhe deixa
Contemplar o ‘rala-rala’ no salão.

Essa pedra de que falo é bala!
“É pedra! É pedra! É pedra!
É pedra de resposta!” (2)
Toca nas rádios, nas ‘quebradas’
E só me lembra a Litorânea*.

Jamaica brasileira,
Assim é também conhecida
A Atenas brasileira,
Terra de muita poesia,
A minha São Luís...
Onde as pedras do reggae hoje se juntam
E fazem boa parte do povo feliz.

Nem sempre foi assim:
Essas pedras de reggae,
Músicas que o povo consagrou,
Quando por ali cavadas,
Muito foram apedrejadas.
Mas pelo visto, nada adiantou.
Em todo canto da cidade
Só se ouve nas rádios
As pedras que ninguém jamais calou.

Não sou fã 'vidrada' dessas pedras
Eu sou uma que só acha tudo legal
Usei o tema neste desafio
Como uma lembrança natural.

Se você curte reggae
E umas pérolas quer Reviver*
Recomendo a banda Tribo de Jah
Que só tem 'pedra' boa de 'ouvir'.

- 1 – Trecho da canção Flor, Flávio Venturini e Ronaldo Bastos
2 – Trecho da canção Pedra de Resposta, Zeca Baleiro e Chico César.

* Litorânea e Reviver são lugares bem conhecidos em São Luís.

Como bem definiu Zeca Baleiro, no CD "Por Onde Andará Stephen Fry?":
Pedra de resposta - gíria muito usada pelos regueiros de São Luís do Maranhão
para designar os melhores e mais populares reggaes tocados nos salões;
qualquer coisa muito boa.

Em dias ensolarados colho cores e guardo num saco. Assim elas não têm como fugir, em dias gris!

Bluemaedel - *s.f.* pessoa que busca viver em equilíbrio com a tríade "eu, os outros e o meio", primando por responsabilidade, autenticidade, intensidade, criatividade e prazer no viver diário. Forma no masculino: Bluebub.

Helena Frenzel é uma bluemadel, por definição. Nasceu em São Luís do Maranhão, Brasil. Atualmente vive na Alemanha, com a família. Trabalha com algoritmos e línguas; combina cores e palavras, sempre que dá!

Visite: bluemadel.blogspot.com

